

As Dificuldades das Transexualidades na Inserção ao Mercado de Trabalho¹

Ana Luísa MOURA²

Bruno Mendes GOMES³

Geovanne Patrick Martins FLORES⁴

Tauane Wagner do NASCIMENTO⁵

Profa. Dra. Mônica Bertholdo PIENIZ⁶

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O objetivo da nossa pesquisa foi compreender as histórias de vidas e as percepções das transexualidades e suas relações com o mercado de trabalho. A pesquisa constitui-se a partir do método qualitativo com teor descritivo e explicativo. O universo são as transexualidades (homem trans e mulher trans) e as travestis, no qual utilizamos a entrevista em profundidade com questões semi-estruturadas e a análise documental como técnicas de pesquisa. Os resultados da nossa pesquisa mostram que os principais fatores que dificultam a inserção das transexualidades ao mercado de trabalho é o preconceito de gênero, a invisibilidade das transexualidades, a falta de políticas públicas que insiram esse grupo social no ensino médio e superior, a marginalização e a prostituição.

PALAVRAS-CHAVES: desigualdade; gênero; transexualidades; mercado de trabalho; comunicação social.

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduando do 4º semestre do curso de Comunicação Social - habilitação em Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: analu437@gmail.com

³ Graduando do 4º semestre do curso de Comunicação Social - habilitação Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: its.bruno.mg@gmail.com

⁴ Graduando do 4º semestre do curso de Comunicação Social - habilitação em Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: contatogeovannemartins@gmail.com

⁵ Graduando do 4º semestre do curso de Comunicação Social - habilitação em Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: tauanewagner@gmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora Dra. Monica Bertholdo Pieniz do curso de Comunicação Social - habilitação em Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: monica.pieniz@ufrgs.br

1. INTRODUÇÃO

A utilização do termo “transexualidades” serve para englobar os diversos segmentos que a transgeneridade possui e que se expressa na sociedade de múltiplas formas. A identidade de gênero e a orientação sexual mesclam-se e, tendo consciência que nossa pesquisa aborda as transexualidades em suas diversas facetas, optamos pela utilização da palavra “transexualidades” no plural.

A nossa pesquisa é qualitativa, com teor explicativo e descritivo. Utilizamos as técnicas de **entrevista em profundidade, com roteiro composto por questões semi-estruturadas**, e a **análise documental**, por fontes secundárias. O objetivo geral da nossa pesquisa é compreender as histórias de vida e percepções das transexualidades e suas relações com o mercado de trabalho (formal e informal). Os objetivos específicos são três: identificar as atitudes transfóbicas vivenciadas pelas transexualidades; verificar a trajetória profissional das transexualidades e identificar as inspirações profissionais e visão de futuro das transexualidades.

O universo da nossa pesquisa são as transexualidades (homens trans e mulheres trans), que finalizaram ou encontram-se em processo de transição de gênero e também as travestis. Os desafios da pesquisa foram achar travestis, homens e mulheres transexuais dispostas(os) a serem entrevistadas(os), por a agenda dos pesquisadores e de possíveis entrevistados, que por compromissos pessoais, horários e inviabilidade no deslocamento fez com que resultasse em somente uma entrevistada. E, por fim, escassez de materiais escritos (livros, artigos, teses, dissertações, pesquisas, dentre outras) por transexuais e travestis e que estivessem publicados e disponíveis ao acesso público.

Os resultados das análises de dados mostram que os principais fatores que dificultam a inserção das transexualidades ao mercado de trabalho é o preconceito de gênero, a invisibilidade das transexualidades, a falta de políticas públicas que insiram esse grupo social no ensino médio e superior, a marginalização e a prostituição. Para refletir teoricamente sobre esta temática, incluímos os autores que serão apresentados a seguir.

1. AS TRANSEXUALIDADES

A utilização do termo “transexualidades” serve para englobar os diversos segmentos que a transgeneridade possui e para que essa diversidade fique explicitada neste tópico é necessário realizar a diferenciação, de maneira resumida, entre o gênero, a identidade de gênero, a orientação sexual e a expressão/performance de gênero. O *gênero* é o conjunto de características sociais e culturais ligadas às percepções de masculinidade e feminilidade. Segundo Ribeiro (2010), o gênero realça a ligação entre o caráter social e cultural do ser humano. Para Butler (2005, pág. 180.⁷ apud RIBEIRO, 2010, pág. 31) o gênero é um fenômeno inconstante e contextual que não denota ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. Logo, gênero é uma construção social que está ligado de maneira correlacional com diversas relações específicas, culturais e históricas.

Gênero, como compreendemos, é um dispositivo cultural, construído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder. (LINS; MACHADO e ESCOURA, 2016, pág. 10).

A *identidade de gênero* está relacionada à maneira em que o indivíduo se identifica perante a sociedade e a si mesmo. Se uma pessoa se identifica como homem, ele irá expressar sua identidade através desse papel social do que é ser homem. O mesmo ocorre caso a pessoa se identifique como mulher. Pode também haver pessoas que se identificam com as duas identidades de gênero (binárias) e as que não se identificam com essas identidades fixas de masculinidade e feminilidade (não-binários).

Na identidade de gênero ainda temos duas categorias que são importantes deixar nítidas de compreensão: os/as cisgêneros(as) e os/as transgêneros(as). Cisgênero(a) é a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi dado no nascimento. Já os/as transgêneros(as) são pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foram atribuídos no nascimento.

A *orientação sexual ou condição sexual* está relacionada com o gênero pelo qual o indivíduo desenvolve atração sexual e laços românticos. Se eu me relaciono com pessoas do gênero oposto ao meu, sou uma pessoa com a orientação heterossexual. Contudo, possuo atração sexual por pessoas do gênero igual ao meu, sou uma pessoa com a orientação

⁷ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, jan./abril. 2005, pág. 180.

homossexual⁸. Entretanto, posso construir relações sexuais e laços românticos com ambos os gêneros (masculino e feminino), logo sou um indivíduo com a orientação bissexual. Cabe ressaltar que existem outras orientações sexuais, como por exemplo os pansexuais (atração sexual ou amorosa entre pessoas, independentemente do sexo ou identidade de gênero). Contudo, só abordamos aprofundadamente as orientações sexuais mais “conhecidas” para ilustrar melhor nossa explicação. E, por fim, *a expressão/performance de gênero* é a maneira como eu expresso perante a sociedade meu gênero. Essa expressão ocorre desde a utilização de roupas e acessórios até detalhes físicos (gestos, tom de voz e atitudes corporais).

Ainda há a designação “travesti” que ainda é muito discutida nos meios acadêmicos e científicos. Travesti, popularmente, é o indivíduo que identifica-se com o gênero feminino mas permanece e não sente desconforto com o órgão masculino de nascença. Todavia, é necessário esclarecer que a designação “travesti” ou, até mesmo, transexual é dada apenas à partir da maneira com que a pessoa transgênera se identifica. Esclarecendo: eu só posso denominar uma pessoa de “travesti” se ela se identifica como travesti. É essa observação que Maria Clara Araújo esclarece para o *Jornal Extra*.

Muita gente pergunta qual a diferença entre transexual e travesti. Mas a gente precisa entender que a diferença está na autoidentificação — afirma. (...) — O maior ensinamento que podemos passar sobre travestis e transexuais é que, se a expressão de gênero delas é feminina, o certo é tratá-las como mulheres. Falar “o travesti” e “o transexual” é ofensivo à pessoa — explica Maria Clara, que acredita no diálogo como a única forma de solucionar o preconceito. (LUCCIOLLA, 2015, documento eletrônico).

As transexualidades por possuírem diversas maneiras de se expressarem acabam por sofrer repressões severas em nossa sociedade. Uma sociedade que constantemente procura padronizar as diversas maneiras de vivenciar, de se relacionar e de se expressar em nossas relações sociais. Tal sociedade gera desigualdades de direitos entre pessoas heteronormativas e pessoas que não se encaixam em tal forma, e isso afeta até hoje a comunidade LGBTQ+. Já afirmava Ribeiro (2010, p.36) “transgredir é dar voz à luta contra a opressão social causada pelas categorias fixas de masculinidade e feminilidade, contra a imposição obrigatória da vinculação entre sexo e gênero.”

⁸ O termo homossexual serve também para designar mulheres que constroem atrações sexuais e laços românticos com outras mulheres. Mas, caso queira-se especificar a relação homossexual feminina podemos utilizar a palavra “lésbica”.

2. AS TRANSEXUALIDADES E O MERCADO DE TRABALHO

Em nossa sociedade atual, o trabalho é central na satisfação das necessidades humanas e na produção da relação entre os indivíduos (VASCONCELLOS, 2014), entretanto a oferta de trabalho nem sempre é oferecida ao indivíduo que não se encaixa num padrão cultural considerado aceitável, no caso da pesquisa, as transexualidades.

Se, para a sobrevivência o trabalho deveria satisfazer pelo menos as necessidades básicas diárias, na perspectiva psicológica é uma categoria central no desenvolvimento do autoconceito e uma fonte de autoestima. É a atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Em suma, é um forte componente na construção da pessoa que convive bem consigo mesma, acredita e orgulha-se de si. (ZANELLI e SILVA, 1996, p.21⁹ apud VASCONCELLOS, 2014, pág. 7).

Louro (2001), evidencia que as então chamados “minorias” sociais estão muito mais visíveis, fazendo com que a luta também esteja tomando um corpo muito maior, este que tenta ser proporcional a parcela gigantesca de preconceito que travestis e transexuais sofrem. De acordo com Foucault (1993¹⁰, apud LOURO, 2001, pág. 541), a sociedade é mergulhada em discursos sobre sexualidade do ponto de vista da igreja, da psicologia, da sexologia e do direito. E que através deles se reproduzem e multiplicam ‘espécies’ e ‘tipos’ de sexualidade, e com elas também nascem as formas de controlar estes indivíduos.

Dados recolhidos pelo Grupo Esperança, organização que tem como missão integrar pessoas excluídas socialmente, principalmente travestis, mostra que grande maioria delas já foram profissionais do sexo, o que atinge um percentual de 83%. Ainda foram relatados outros afazeres profissionais comumente ligados às mulheres e com uma baixa remuneração, como cozinheiras, cabeleireiras, maquiadoras entre outras. Quanto às profissões desejadas por elas temos médica, estilista, professora, administradora de empresa, profissões estas que possuem um maior grau de visibilidade e de conhecimento o que nos leva ao próximo dado. Das 94 entrevistadas, apenas 5 possuem o ensino superior completo. Segundo a *Associação das Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro*, apenas 5% das travestis e transexuais de Uberlândia encontram-se inseridas no mercado de trabalho formal. As outras 95% estão em situações de marginalização como, por exemplo, a prostituição. Isso se dá devido ao fato de que a discriminação de gênero é fortemente enraizada em nossa cultura. E essa discriminação

⁹ZANELLI, J.C. e SILVA, N. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.

¹⁰FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

se manifesta através da violência, o Brasil é o líder em homicídios de pessoas transgêneras no mundo e nos últimos oito anos foram 868 mortes de travestis e transsexuais.

Ainda segundo o Grupo Esperança, existe um enorme desejo delas de habitarem na luz do dia, quanto a isto a subjetividade das mesmas tende a buscar pela figura moderna e a lutar com as forças que as desestabilizam. O trabalho na noite só é viável por tornar mais rápido e fácil a sua forma de sobreviver. No entanto, no grupo entrevistado apenas 2,13% gostaria de ser profissional do sexo.

É evidente que as transexualidades carecem de leis acerca de sua inserção no mercado de trabalho formal, e este é um problema no qual a solução mais prática é uma maior disponibilidade de viabilidades. Como mostra a matéria do Correio Braziliense [2017?], as transexualidades acabam se submetendo a vagas disponíveis pelas empresas que não são excludentes para com a comunidade, o exemplo apresentado é da hamburgueria Castro Burguer em São Paulo. Após anúncio deixando claro que a organização não descartaria a contratação de transexuais a mesma recebeu 348 currículos, sendo 29 de homens trans, 41 de mulheres trans e 14 de pessoas não binárias. A Castro Burguer contratou dezesseis funcionários e dentre estes dois são transexuais.

Outra realizada assustadora é a violência que as transexualidades são expostas em nossa sociedade. Segundo um levantamento realizado pela ONG europeia Transgender Europe, desde 2008 até junho de 2016 o Brasil foi o país que mais registrou assassinatos de travestis e transsexuais. A pesquisa também mostra os motivos pelos quais esses números são alarmantes: alto nível de violência, incorporados na história do país, desde o colonialismo, passando pela escravidão e depois a ditadura, a alta vulnerabilidade social de transexuais muitas vezes em cenário de prostituição, e a falha do Estado em prevenir e investigar esses crimes (BALZER, C; LAGATA, C; BERREDO, L; 2016.). Em 2019, a mesma ONG lançou um novo levantamento e, infelizmente, o Brasil continua sendo o país que mais mata transsexuais no mundo. Foram 163 assassinatos à transsexuais, sendo 158 travestis e mulheres trans, quatro homens trans e uma pessoa não-binária. Toda essa violência, além do estigma e da discriminação, segundo a ONG Transgender Europe, dificulta o acesso das transexualidades à direitos básicos.

A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República afirma que as denúncias de violência contra LGBT aumentaram 94% no país entre 2015 e 2016, e que em 2017, o Disque 100 recebeu um total de 1720 denúncias de violações de direitos humanos de pessoas LGBT (CUNHA, [2017?]). Segundo Brasil, Ministério dos Direitos Humanos (2018) até o dia 08 de maio de 2018, o serviço registrou 58 casos de mortes, sendo 41 dessas vítimas travestis. Esses dados reforçam as afirmações e a pesquisa da Transgender Europe. A intolerância e o preconceito estão presentes já na infância e acompanham o processo e desenvolvimento de uma pessoa trans em diversos ambientes, como a escola e a casa em que vivem com a família. Isto, somado à falta de presença do Estado e órgãos públicos em apoio à comunidade LGBT, demonstram que as situações de violência são difundidas e normalizadas no contexto social. Segundo o *Relatório da violência homofóbica no Brasil*, também da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH), a transfobia provoca a procura por sobrevivência na prostituição de rua, o que também é comprovado em uma estimativa regional feita pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), aponta que 90% das pessoas trans recorrem a essa profissão ao menos em algum momento da vida (GONÇALVES, 2017). Tudo isso desencadeia na exclusão de pessoas trans do mercado de trabalho formal, e revela uma grande necessidade no mundo corporativo brasileiro, que é criar um ambiente de diversidade nas empresas e nos serviços públicos.

Conforme o secretário executivo do Fórum de Empresas e Direitos LGBT, Reinaldo Bulgarelli, gays e lésbicas sofrem discriminação, mas estão presentes no mercado de trabalho, já as pessoas trans estão totalmente ausentes do ambiente corporativo. Segundo Thaís Faria, oficial de programação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Brasil não tem dados sólidos nem oficiais sobre a empregabilidade de transexuais, o que colabora para o alto nível de invisibilidade desse assunto, e afirma que incluir uma pessoa trans no mercado de trabalho vai além de abrir uma vaga, exige a formação dentro da empresa dos outros funcionários também, para eliminar a discriminação no ambiente de trabalho. A oficial também menciona que pessoas transexuais estão fora do mercado de trabalho devido ao preconceito, não por falta de capacidade (MAIA, 2016). Para a coordenadora geral de promoção dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais da Secretaria de Direitos Humanos (SDH) da Presidência da República, Symmy Larrat, para se pensar em empregabilidade, tem que começar desde a inclusão na sala de aula na infância, instigando a

permanência, a inclusão em cursos profissionalizantes e depois no mercado de trabalho.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Visando a obtenção de dados que comprovem a percepção das transexualidades em relação da identidade de gênero com a inserção ao mercado de trabalho foi realizado a aplicação da técnica de *entrevista em profundidade com questões semi-estruturadas*. “Uma vantagem desse modelo é permitir criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes.” (DUARTE, 2009, p. 67).

Seguindo um modelo de roteiro com a finalidade de obter dados empíricos suficiente para a análise da pesquisa que tem o caráter qualitativo, elaborou-se 32 perguntas que dividiu-se em 3 blocos com o intuito de organizar a coleta de dados. O primeiro bloco com questões gerais sobre a(o) entrevistada(o) (nome, idade, identidade de gênero, orientação/condição sexual, raça e grau de escolaridade), o segundo bloco com questões que tangem às informações subjetivas sobre as experiências de vida da(o) entrevistada(o) como transexual e o terceiro bloco com questões referentes à inserção ao mercado de trabalho através da vivência das transgêneridades.

O critério para seleção dos entrevistados foi transexuais (homens ou mulheres) da faixa etária a partir dos 18 anos e com experiência no mercado de trabalho. A aplicação da pesquisa deu-se através de um encontro previamente marcado com a entrevistada selecionada: uma mulher transexual (identidade de gênero), que se relaciona afetivamente com homens, logo ela é hétero (orientação sexual), sua raça é negra, obteve o ensino médio completo e possui 23 anos. A gravação de voz da entrevista foi realizada com a autorização da entrevistada que assinou um formulário de autorização para a utilização das informações coletadas. A entrevista solicitou anonimato.

Após a coleta das informações através da utilização da técnica de entrevista em profundidade com questões semi-estruturadas, foi utilizado a técnica de *análise documental* com o objetivo de complementação da entrevista. “(...) é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário” (MOREIRA, 2009, pág. 272). A partir disso analisamos dados referentes a transexualidade e qual o tratamento que o

mercado de trabalho dá a esse público. Em razão disso, utilizamos fontes secundárias (portais de notícias como Veja, El País, ClickRBS e Huffpost Brasil) com o intuito de compreender quais as percepções dos indivíduos transexuais sobre suas vivências no mercado de trabalho e como tais exigências mercadológicas da sociedade interferem nas demandas da comunidade em que as transsexualidades estão inseridos.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização da entrevista e da análise documental, cada resposta foi classificada de acordo com o tema da pergunta feita ou assunto abordado pela entrevistada, para que houvesse uma melhor e mais rica análise. Dessa forma, pode-se chegar a duas categorias de classificação: “*A inserção ao mercado de trabalho*”, onde ficam classificadas as respostas da entrevistada sobre a questão de representatividade no ambiente de trabalho e, também, sobre a inserção ao mercado de trabalho (ou falta dela) durante o processo de experiência trabalhista. E o tópico “*As dificuldades na inserção ao mercado de trabalho e o mercado informal*” traz a percepção pessoal e profissional da entrevistada à respeito dos obstáculos que as transsexualidades enfrentam ao realizar uma entrevista de emprego e/ou na permanência em seu ofício.

5.1) A inserção ao mercado de trabalho

Ao falar sobre sua trajetória profissional, acerca dos empregos que já teve e as funções que já exerceu no mercado de trabalho, a entrevistada afirma ter tido poucas experiências. Começou a tomar hormônios com 18 anos e sua inserção ao mercado de trabalho foi já como mulher trans, não tendo experiências profissionais antes disso. Seu primeiro emprego foi em um estágio que durou dois anos, na Secretaria de Segurança Pública, onde atuou como auxiliar administrativa no conselho penitenciário. Ela relata que se sentiu bem neste ambiente de trabalho e que gostava muito de executar as tarefas diárias à que era designada.

Ah, foram poucos né. Mas, meu primeiro emprego, meu primeiro estágio foi na Secretaria de Segurança Pública, no conselho penitenciário, e eu lembro que estava estudando ainda no Acadêmico. Aí eu estagiei lá e amava, por mim eu trabalhava lá direto. Foi meu estágio de dois anos né, foi muito tranquilo, super de boa. (ENTREVISTADA)

Após essa experiência no estágio, a entrevistada também trabalhou no ramo de telemarketing em uma empresa que faliu quando ela estava prestes a completar um mês de

trabalho e onde ela afirma não ter gostado da experiência. Em seguida trabalhou em um negócio familiar no setor administrativo, onde relatou que foi uma experiência tranquila.

A entrevistada relata que encontrou dificuldades na inserção ao mercado de trabalho quando tratava-se da entrega de currículos ou da realização de entrevistas de emprego. Isso se deve ao fato dela ser uma mulher trans e por viver em um país em que 90% das mulheres trans precisam se prostituir como forma de sobrevivência (ROSA, 2017). A entrevistada em diversos momentos da entrevista lembrou de momentos em que, ao tentar conseguir uma vaga de emprego, sentiu-se constrangida ou até mesmo desrespeitada por ser uma mulher trans. E que a identidade de gênero, na visão dela, foi fator de exclusão em diversas empresas que ofereciam vagas de trabalho.

As pessoas te chama pelo currículo, e no meu currículo está como (nome social da entrevistada), apesar de eu ter mudado minha certidão já. Eles olham teu currículo e pensam “ah é uma mulher” e daí tu chega lá e eles “ah é uma trans”. Eles já ficam meio assim, né. (...) quando eu fui tentar largar um currículo no Canoas Shopping lembro que cheguei e falei “vim entregar um currículo” e a mulher (atendente) me olhou dos pés à cabeça. (ENTREVISTADA).

A entrevistada também salienta que em sua primeira experiência trabalhista sua relação com chefes e colegas era boa e pacífica, sendo reconhecida pelo seu nome social e respeitada no ambiente de trabalho como mulher trans. Este reconhecimento em seu primeiro estágio demonstra um caminho inicial também por parte de algumas empresas, que já elaboram e executam projetos com seus funcionários e gestores para a inclusão da diversidade no mercado de trabalho, apesar de isso ser executado ainda a passos lentos no Brasil.

Tal elaboração e execução de projetos que visam a inserção da diversidade dentro das empresas é vista como uma comunicação simétrica que beneficia ambos os lados: as transexualidades conseguem uma vaga na empresa e exercem suas funções, tendo assim, uma remuneração salarial e reconhecimento perante a sociedade. Já as empresas lucram com essa mão de obra, gerando uma estratégia de imagem positiva ao inserir transexuais em seus setores trabalhistas e acabam produzindo uma maior competitividade entre as concorrências.

Pitzer, ainda, afirma que as empresas estão cada vez mais atentas para a diversidade em seus quadros de funcionários. De acordo com ele, isso faz parte de uma estratégia básica de competitividade: "Há grandes talentos que

precisam de espaço. Se a gente não abre portas para eles, quem perde é a gente." (ROSA, 2017, documento eletrônico).

5.2) As dificuldades na inserção ao mercado de trabalho e o mercado informal

A nossa entrevistada também relata sua vivência no trabalho informal: “Já fiz programa. Era uma vida fácil. Todo dia eu tinha meu dinheiro, R\$500 ou R\$600. Mas, é um dinheiro que vem fácil e vai fácil”. Embora tenha concluído o Ensino Médio e tenha tido algumas experiências no mercado de trabalho formal, ela conta que trabalhou cerca de um ano na prostituição apenas pela necessidade financeira, ao não se sentir confortável em relação ao sustento proveniente exclusivamente dos pais, acompanhado da falta de perspectiva na procura por emprego.

Aí eu peguei "não vou ter o meu dinheiro. De algum jeito ou de outro eu vou ter o meu dinheiro, só não vou roubar né. Mas vou vender o meu corpo". Aí eu botei na cabeça: eu vou vender, vou vender meu corpo. Eu não dizia que era o meu próprio dinheiro. Uma vez a mãe desconfiou que eu comprei dois tênis. (ENTREVISTADA)

Podemos perceber que a falta de emprego e oportunidades para as transexuais é uma das barreiras mais cruéis. Suas dignidades são constantemente renegadas pela sociedade que visa no trabalho o verdadeiro valor humano.

Se você não tem direito à escola, ao mercado de trabalho, é expulso da casa de seus pais, vive em um país violento, só te resta o direito de se prostituir e de ser assassinada. Se quisermos melhorar, precisamos de mudanças práticas. (DANIELA ANDRADE)¹¹

É necessário que haja uma maior reflexão na sociedade sobre as pautas de direitos das transexualidades e, principalmente, o debate sobre a inserção das transexualidades no mercado de trabalho.

Hoje pode até estar na moda falar sobre direitos trans, mas esse discurso ainda é raso. Porque quando os empregadores falam da diversidade, eles pensam em homens, de classe média, que são brancos, se formaram em universidades de ponta e por acaso são gays ou trans. Às vezes não passa de

¹¹ ROSA, Ana Beatriz. Há espaço para profissionais transexuais no mercado de trabalho? **Huffpost Brasil**. 02 jul. 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/07/02/ha-espaco-para-profissionais-transexuais-no-mercado-de-trabalho_a_22037316/. Acesso em: 10 jul. 2018.

um discurso para vender a empresa, enquanto o status quo é mantido.
(DANIELA ANDRADE)

Atualmente a entrevistada estuda em um curso técnico de Administração, e sonha em ser comissária de bordo. Ao ser indagada sobre a utilização de plataformas de busca de empregos a entrevistada diz já ter utilizado algumas, como CIEE e Infojobs. É importante salientar o receio que as transexualidades têm diante da inserção ao mercado de trabalho e quais as perspectivas profissionais das pessoas trans, que são discriminadas ao tentarem se inserir no mercado de trabalho, muitas vezes ocupando funções não almejadas, tendo sonhos e desejos profissionais que vão além do que lhes é concedido.

Eu acho lindo o trabalho de comissário. Lembro que teve uma época que eu assistia vários vídeos no Youtube sobre o assunto para saber como funcionava a função de comissária e tal. Mas, depois eu comecei a “brochar” porque eu sabia que, mesmo que eu tivesse diversos cursos, eles (empresas no geral) nunca iriam me chamar. Agora eu não sei como seria, sabe? (...)Mas depois com essa função que eu queria ser trans, a documentação, daí eu acho que não me pegariam até porque eu nunca vi uma trans comissária, né... Procurei na internet e nunca achei uma. Mas agora que eu mudei toda a documentação, mudei tudo, de repente, quem sabe eu consiga ingressar no emprego pelo meu nome social. (ENTREVISTADA).

O que fica evidente na nossa pesquisa é que a dificuldade das transexualidades na inserção ao mercado de trabalho está estritamente relacionado com o modelo patriarcal institucionalizado em nossa sociedade. Onde as mulheres cisgêneras, mas principalmente as transexualidades, são constante subjugadas e questionadas sobre suas capacidades intelectuais.

O mercado é composto majoritariamente por homens brancos, que tiveram diversas oportunidades de experiências profissionais e nunca foram discriminados. Como você pode achar que todos os outros devem alcançá-los? Como eles podem ser a régua no mercado? Como você ocupa um espaço em que você é violentada o tempo inteiro? É claro que essas pessoas vão ter mais dificuldades na competição. As pessoas trans não desistem, elas são expulsas. (DANIELA ANDRADE)¹²

Sendo assim, é perceptível que a inserção das transexualidades ao mercado de trabalho informal não é somente uma mera opção, ela acaba sendo para muitas(os) a única forma de se manter e sobreviver. A esses corpos é negada o direito de escolha, principalmente

¹² ROSA, Ana Beatriz. Há espaço para profissionais transexuais no mercado de trabalho? **Huffpost Brasil**. 02 jul. 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/07/02/ha-espaco-para-profissionais-transexuais-no-mercado-de-trabalho_a_22037316/. Acesso em: 10 jul. 2018.

quando temos uma sociedade que invisibiliza, marginaliza, estigmatiza e define os espaços aos quais os corpos das travestis e transexuais são introduzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização das análises de dados podemos concluir que alcançamos o nosso objetivo geral que é compreender as histórias de vida e percepções das transexualidades e suas relações com o mercado de trabalho. Tal compreensão ocorreu devido a utilização da entrevista em profundidade com questões semi-estruturadas e a análise documental com fontes secundárias (grandes portais midiáticos). Também conseguimos alcançar todos os nossos objetivos específicos. O primeiro objetivo específico referente às atitudes transfóbicas vivenciadas pelas transexualidades mostra que o preconceito de gênero ocorre frequentemente na vida desse grupo social, principalmente, na fase adulta em que há a necessidade de entrar no mercado formal de trabalho. O segundo objetivo específico referente à trajetória profissional das transexualidades evidencia que há a perpetuação de preconceitos de gênero e que o fato de ser transexual é o fator principal para que as transexualidades não alcancem suas metas profissionais. Esse fator principal é agravado em sociedade, dificultando a inserção de transexuais e as travestis ao mercado de trabalho formal e, conseqüentemente, acarretando na inserção ao mercado de trabalho informal (prostituição). E o terceiro e último objetivo específico referente às aspirações profissionais e visão de futuro das transexualidades mostram que em todos os casos há o desejo de entrar no mercado de trabalho formal ou/e no ensino médio e superior. Além disso, o desejo de não precisar recorrer à prostituição é presente na análise das falas das transexualidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZER, Carsten.; LAGATA, Carl.; BERREDO, Lukas. 2,190 murders are only the tip of the iceberg An introduction to the Trans Murder Monitoring project. **TMM annual report 2016**, Berlin: Germânia, v. 14, nº1, pág. 14, out. 2016. Disponível em: <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>. Acesso em: 17 maio. 2018.

BASSETTE, Fernanda. Uma nova identidade: dez transexuais e suas histórias. **Veja**, São Paulo, 13 out. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/uma-nova-identidade-dez-transexuais-e-suas-historias/>. Acesso em: 06 jun. 2018.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Disque 100 registra aumento de 127% nas denúncias de homicídios de pessoas LGBT. **Ministério dos Direitos Humanos**, Brasil, 18 maio. 2018. Disponível

em:

<<http://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/maio/disque-100-registra-aumento-de-127-nas-denuncias-de-homicidios-de-pessoas-lgbt-1>> Acesso em: 16 de jun. 2018.

BRUNELLI, Camila. 163 pessoas trans foram mortas em 2018 no Brasil; 83% dos crimes são cruéis. **Universa**, São Paulo, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2019/01/29/163-pessoas-trans-foram-mortas-em-2018-no-brasil-83-dos-crimes-sao-cruéis.htm>. Acesso em: 04 de jan. 2019.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, jan./abril. 2005, pág. 180.

CARVALHO, Evelyn R. “Eu quero viver de dia” - Uma análise da inserção das transgêneros no mercado de trabalho. UFPR. **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**. 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Evelyn_Carvalho_16.pdf Acesso em: 24 de maio. 2018.

CUNHA, Thaís. Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais. **Correio Braziliense**, Brasília [2017?]. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>> Acesso em: 16 de jun. 2018.

CUNHA, Thaís. Transexuais são excluídas do mercado de trabalho. **Correio Braziliense**, Brasília [2017?]. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/transexuais-sao-excluidos-do-mercado-de-trabalho>> Acesso em: 18 de jun. 2018.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Vários autores. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GONÇALVES, Joelma. 90% dos transexuais estão fora do mercado formal de trabalho em Sergipe. G1, Sergipe, 05 maio. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/90-dos-transexuais-estao-fora-do-mercado-formal-de-trabalho-em-sergipe.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2018.

LAPA, Nádia. Mercado de trabalho para pessoas trans, realidade ou utopia no Brasil?. **Carta Capital**, São Paulo, 31 out. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>. Acesso em: 17 de maio. 2018.

LINS, Beatriz A; MACHADO, Bernardo F; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira. L. **“Teoria QUEER: Uma Política Pós-identitária para a Educação”**. in: Revista de Estudos Feminista, Florianópolis: v. 9 n. 2/2001 p. 541-553.

LUCCIOLA, Lúcia. Entenda a diferença entre travesti, transexual, cross dresser e drag queen. **EXTRA Online**, São Paulo, SP, 14 dez. 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/entenda-diferenca-entre-travesti-transexual-cross-dresser-drag-queen-14807314.html>. Acesso em: 07 jul. 2018.

MAIA, Flávia. Desafio dos transexuais no mercado de trabalho é a baixa escolaridade. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 maio. 2016. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/18/interna_cidadesdf.532398/desafio-dos-transexuais-no-mercado-de-trabalho-e-a-baixa-escolaridade.shtml>. Acesso em: 13 de jun. 2018.

MAIA, Flávia. Empresas brasileiras ainda têm resistência para empregar transexuais. **Correio Braziliense**, Brasília, 17 maio. 2016. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/17/interna_cidadesdf.532183/empreendedores-do-df-ainda-tem-resistencia-para-empregar-transexuais.shtml>. Acesso em: 13 de jun. 2018.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: Vários autores. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, SP: Atlas, 2009.

QUEIROGA, Louise. Brasil segue no primeiro lugar do ranking de assassinatos de transsexuais. **O Globo**, São Paulo, 14 nov. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transsexuais-23234780>. Acesso em: 04 de fev. 2019.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no Armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo, SP: GLS, 2010.

ROSA, Ana Beatriz. Há espaços para profissionais transexuais no mercado de trabalho?. **Huffpost Brasil**, São Paulo, 02 jul. 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/07/02/ha-espaco-para-profissionais-transexuais-no-mercado-de-trabalho_a_22037316/. Acessado em: 06 jul. 2018.

VASCONCELLOS, Luciana Teixeira de. Travestis e Transexuais no Mercado de Trabalho. LACTEC/UFF. **Congresso Nacional de Excelência em Gestão**. 2014. Disponível em: http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0409.pdf. Acesso em: 11 jul. 2018.

ZANELLI, J. C. e SILVA, N. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.